

MISSÃO NO HAITI: LEGADO, APRENDIZADOS E APERFEIÇOAMENTOS

General de Divisão Ajax Porto Pinheiro

O General de Divisão Ajax é assessor especial do Comandante do Exército. Foi declarado aspirante a oficial de infantaria em 1980 pela Academia Militar das Agulhas Negras, estabelecimento de ensino superior do qual foi instrutor. No Exército, realizou os cursos de Aperfeiçoamento de Oficiais, de Comando e Estado-Maior, de Política, Estratégia e Alta Administração. No exterior, o de Planejamento de Missões de Paz, em Halifax - Canadá, e o *Senior Mission Leader*, em Madri - Espanha. Comandou o 1º Batalhão de Infantaria de Selva. Em missão das Nações Unidas, foi Observador na América Central (ONUCA e ONUSAL) e Comandante do BRABAT/12-1 no Haiti. Como oficial-general, comandou a 15ª Brigada de Infantaria Motorizada e a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, foi Diretor de Educação Superior Militar e Vice-Chefe do Departamento-Geral do Pessoal. Foi o *Force Commander* da MINUSTAH de 05/10/2015 a 15/10/2017, data em que a Missão foi encerrada (ajaxpinheiro@uol.com.br).



A Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (*Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti - MINUSTAH*, sigla em francês) foi a operação internacional de maior duração para as Forças Armadas Brasileiras e a que empregou os maiores efetivos, desde a campanha da Tríplice Aliança. Foram mais de 13 anos na Ilha *Hispaniola*. Mais de 37,5 mil militares da Marinha do Brasil (MB), do Exército Brasileiro (EB) e da Força Aérea Brasileira (FAB) foram desdobrados no terreno. Na maior parte da missão, o Brasil atuou com um batalhão de infantaria e uma companhia de engenharia, com exceção do período pós-terremoto, quando foi enviado outro batalhão de infantaria para reforçar as ações de segurança e ajuda humanitária.

É natural, portanto, que tenhamos adquirido experiências e conhecimentos que foram incorporados por nossas Forças Armadas. É importante frisar, no entanto, que embora a missão tenha sido um sucesso em vários aspectos e principalmente em termos militares, alguns ajustes e aperfeiçoamentos

se fazem necessários no preparo das próximas tropas que forem participar de outras missões de paz.

Fui, em 2010, um dos comandantes dos 38 batalhões enviados para a Missão. Minha tropa chegou ao Haiti dois dias antes do desastre de janeiro de 2010. O Batalhão Brasileiro de Força de Paz (*Brazilian Battalion - BRABAT*, sigla em inglês) e a Companhia de Engenharia de Força de Paz (*Brazilian Engineering Company - BRAENGCOY*, sigla em inglês), haviam direcionado seu treinamento para apoiar a realização das eleições previstas para fevereiro de 2010 no Haiti. Porém, o cenário havia mudado completamente. Os desafios seriam outros e bem mais complexos. Assim, além das missões de segurança realizadas, principalmente, no período da tarde e à noite (mais de cinco mil presidiários haviam escapado da maior penitenciária do Haiti), as tropas tiveram que se engajar na gigantesca operação de ajuda humanitária, que abrangia desde o recolhimento de milhares de cadáveres nas ruas da capital à distribuição maciça de gêneros alimentícios que chegavam em grande quantidade ao país.

Como último *Force Commander* (de 5 de outubro de 2015 a 15 de outubro de 2017), vivi a experiência de comandar tropas de 11 países. Éramos 20 nacionalidades, considerando os oficiais de outros países que compunham o meu estado-maior. As tropas eram compostas de 2 unidades de aviação (Chile e Bangladesh), 1 hospital de campanha (Argentina), 1 companhia de comando e serviços (Filipinas), 1 companhia de polícia (Guatemala), 2 companhias de engenharia (Brasil e Paraguai) e 3 batalhões de infantaria (Brasil, Chile e Uruguai/Peru). Nas tropas chilenas, havia 1 pelotão de El Salvador e 1 de Honduras.

Além de militares dos países já citados, havia no meu estado-maior oficiais da Bolívia, Butão, Canadá, Equador, Estados Unidos da América (EUA), Jordânia, México (que pela primeira vez em sua história enviara oficiais para uma missão de paz), Nepal e Sri Lanka. Em pouco mais de dois anos, pude acompanhar o desempenho de cinco batalhões e cinco companhias de engenharia brasileiros, além de 26 unidades dos países já citados, os quais somaram um efetivo total de 35.357 militares.

Com base nas experiências vividas no terreno, primeiro como coronel comandante de batalhão e depois como oficial-general comandante do componente militar da MINUSTAH, discorrerei sobre as lições aprendidas, os legados que ficaram para as Forças Singulares (MB, EB e FAB) e para o Brasil, abordando alguns aspectos da preparação das tropas que necessitam de aperfeiçoamentos, a fim de que sejamos mais eficazes nas próximas missões de paz em que formos empregados.

LEGADO

A herança positiva de mais de treze anos de operações fora do país pode ser sintetizada em cinco objetivos alcançados: desenvoltura, logística, adestramento das tropas, integração das Forças Armadas e projeção de poder militar.

Logo após o terremoto, em 2010, ao realizar uma inspeção de minhas tropas que estavam atuando em *Cité Soleil*, presenciei o encontro de uma patrulha do BRABAT com uma dos EUA, e pude

constatar que a atitude dos tenentes que compunham minha tropa era bem diferente dos jovens oficiais da minha geração. Naqueles dias pesados do início de 2010, quando fazíamos diariamente a segurança de comboios humanitários e a distribuição de centenas de toneladas de gêneros, e depois saíamos em operações de captura de fugitivos que haviam escapado do presídio da capital, o ambiente era de constante tensão. Havia tropas que não pertenciam à Organização das Nações Unidas (ONU), mas que estavam no Haiti para contribuir com o esforço humanitário. Como a segurança era responsabilidade nossa, ordenei às tropas

que não deixassem vácuo que pudessem ser ocupado por tropas que não fossem da MINUSTAH, especialmente em *Cité Soleil*. Foi essa determinação que o tenente comandante de pelotão cumpriu, quando se deparou com uma tropa estranha e que não deveria estar patrulhando naquela área. O te-

nente brasileiro foi muito incisivo e, ao abordar o oficial norte-americano, questionou o porquê de uma patrulha não pertencente à MINUSTAH estar em *Cité Soleil*. O argumento do tenente brasileiro era, até certo ponto, óbvio e taticamente correto: a presença de uma outra tropa, sem a devida coordenação, poderia ocasionar o que conhecemos como “fogo amigo”.

Após explicar que estava apenas fazendo um reconhecimento do terreno, o outro comandante retirou o seu pelotão do local. Entendi, naquele momento, que as novas gerações de oficiais brasileiros

É natural, portanto, que tenhamos adquirido experiências e conhecimentos que foram incorporados por nossas Forças Armadas. É importante frisar, no entanto, que embora a missão tenha sido um sucesso em vários aspectos e principalmente em termos militares, alguns ajustes e aperfeiçoamentos se fazem necessários.



eram diferentes da minha. Eles estavam mais preparados para conviver no ambiente multicultural das missões de paz. Tinham desenvoltura, sabiam se expressar e argumentar em outro idioma.

Para transportar e manter em perfeitas condições de funcionamento os armamentos, equipamentos e viaturas no Haiti, por mais de uma década, as Forças Armadas tiveram que aperfeiçoar seu sistema logístico ao longo dos anos de permanência no exterior. O desgaste provocado nos materiais naquela zona de ação foi um duro teste para o apoio logístico das Forças, que souberam responder brilhantemente aos desafios que se apresentaram. Após o terremoto de 2010, diariamente uma aeronave C-130 Hércules da FAB transportava, além de gêneros alimentícios enviados pelo Brasil para ajuda humanitária, barracas e equipamentos para montar as novas bases que abrigariam o *BRABAT/12-2*, que fora mobilizado após a tragédia. Os navios da MB levaram centenas de toneladas de equipamentos e veículos que comporiam o novo batalhão, bem como para troca de equipamentos mais antigos. É importante ressaltar que esse apoio foi constante ao longo de toda a permanência das tropas no exterior.

Os maiores legados para o EB e para a MB, particularmente para o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), foram o aprendizado e a prática de novas técnicas operacionais, consolidando, assim, as missões de paz como o melhor campo de treino para o soldado. Esse legado retornou para o Brasil com os oficiais e praças que participaram da Missão e foi repassado aos nossos estabelecimentos militares de ensino. Da mesma forma que os soldados que regressavam de uma missão no exterior traziam consigo experiências reais que também eram replicadas na tropa.

Quando as primeiras tropas desembarcaram no Haiti, o Ministério da Defesa estava apenas no seu quinto ano de criação. Contudo, o sucesso das tropas que estavam no terreno tinha uma relação direta com a capacidade de integração entre o Ministério da Defesa e as Forças Singulares, obrigando a um rápido aperfeiçoamento do diálogo entre todos. Havia urgência na adoção de padronização de procedimentos que, sem a *MINUSTAH*, levariam ainda alguns anos para serem adotados.

Quando se mobiliza um efetivo considerável de soldados em uma missão real no exterior, não há como negar que se

está projetando poder militar. A imagem das Forças Armadas de um país que não está diretamente envolvido em alguma guerra é projetada em função da atuação de suas tropas em missões de paz, seja positiva ou negativamente.

A atuação dos brasileiros no Haiti foi observada pelos nossos vizinhos e por países que, sem a *MINUSTAH*, não nos conheceriam. Militares e civis de várias nacionalidades acompanharam com atenção, a partir da sede da ONU em *New York*, o desempenho exemplar dos soldados brasileiros.

Desta forma, ao projetar seu poder militar, por meio de suas tropas no Haiti, o Brasil pôde elevar sua imagem no cenário internacional.

APRENDIZADOS

Até o ano de 2009, as tropas brasileiras haviam atuado em ajuda humanitária em pequena e média escala. O Haiti fora atingido por tempestades tropicais fortes e furacões

de categoria 2 e no máximo 3, o que já causava danos consideráveis. Mas, em janeiro de 2010, tudo mudou.

No dia 12 de janeiro daquele ano um terremoto de 7,3 graus de magnitude na escala *richter*, devastou a capital Porto Príncipe e seus arredores. O Haiti parecia ter sofrido um bombardeio semelhante àqueles da II Guerra Mundial. Esse desastre brutal causou mais de 200 mil mortos, mais de 40 mil amputados e mais de 1 milhão de desabrigados. A ONU teve o maior número de perdas, em um único evento, em toda sua história.

As tropas brasileiras, mesmo sofrendo

perdas consideráveis (18 militares brasileiros perderam a vida no terremoto), foram protagonistas de uma gigantesca operação de ajuda humanitária, participando diretamente do resgate de feridos e atuando na distribuição de toneladas de gêneros que chegavam ao Haiti, fazendo segurança de depósitos, distribuindo água e contribuindo com a Companhia de Engenharia para desobstruir as vias bloqueadas por escombros. Foram dias de muitos sacrifícios, sofrimentos e aprendizados. A coordenação com as agências internacionais e com as organizações não governamentais (ONGs) no início eram difíceis, tudo agravado pela pressão de

estar-se atuando em um cenário de desespero, no qual não se podia falhar nem perder tempo, o que agravaria ainda mais a já precária situação de penúria e desesperança vivida pela população.

Pois foi nesse cenário que nossas tropas amadureceram e aprenderam a atuar com profissionalismo em uma das maiores

crises humanitárias do mundo.

Em 2016, quando o Haiti foi atingido pelo furacão *Matthew*, de categoria 5 (a mais devastadora), as tropas brasileiras foram as primeiras a chegar à área atingida em cheio pelo furacão. Um pelotão do *BRABAT*, composto por fuzileiros navais e tropas da *BRAENGCOY*, havia se deslocado, dois dias antes do desastre, para uma região próxima de onde passaria o olho do furacão. Dessa forma, os soldados brasileiros, ao desobstruir as estradas e permitir que a ajuda humanitária pudesse chegar à área devastada, tornaram-se o fator decisivo para as operações de apoio

Quando se mobiliza um efetivo considerável de soldados em uma missão real no exterior, não há como negar que se está projetando poder militar. A imagem das Forças Armadas de um país que não está diretamente envolvido em alguma guerra é projetada em função da atuação de suas tropas em missões de paz, seja positiva ou negativamente.



à população da península sul haitiana, naqueles primeiros dias. Em seguida, as tropas brasileiras foram reforçadas pelas militares do Chile, Paraguai e equipes de saúde do Hospital de Campanha Argentino, bem como pelas unidades de aviação de Bangladesh e do Chile.

Dessa vez, a área atingida era mais extensa, na península sul haitiana. Quatro dos dez estados haitianos haviam sofrido o efeito devastador do furacão. Além de transportar e participar da distribuição de gêneros e água, as tropas também fizeram segurança para mais de 100 comboios de ajuda humanitária que partiam da capital para as cidades de *Les Cayes* e *Jeremie*, em deslocamentos que duravam dois dias em estradas extremamente precárias, sendo alvos de tentativas de saque por parte das gangues e da população faminta. Também atuaram em balizamento de locais de aterragem de helicópteros e segurança de áreas onde eram desembarcados gêneros de

navios que traziam ajuda humanitária de Curaçao e da Colômbia.

Os oficiais brasileiros que compunham o estado-maior do componente militar da *MINUSTAH* participaram da coordenação com as agências da ONU, ONGs, governo haitiano e países que prestaram solidariedade ao Haiti. Graças à desenvoltura, ao profissionalismo e à competência desses militares e da tropa, o povo haitiano foi assistido, satisfatoriamente, naqueles momentos de extremo sacrifício.

Os jovens oficiais e praças que ao longo desses treze anos tiveram a oportunidade de participar da missão no Haiti foram testados em operações reais em que havia o risco de perdas de vidas e em apoio ao povo haitiano nos momentos tensos após os grandes desastres naturais. Atuaram com tropas de vários países, aprenderam a conviver em ambiente multicultural, tiveram que se adaptar a situações



inusitadas, onde sua iniciativa era fator crucial para cumprir missões para as quais, às vezes, não haviam treinado.

Essa capacidade de reagir a eventos inesperados e solucionar um problema inédito foi um dos maiores aprendizados que nossas tropas e militares que atuaram isoladamente trouxeram da Missão.

APERFEIÇOAMENTOS

O Brasil pleiteia participar de outra missão de paz, provavelmente na República Centro Africana. Naquele país, desde 2014, a ONU conduz uma de suas missões mais robustas. Será um desafio maior que o enfrentado no Haiti. O cenário será bem diferente, em função das ameaças com as quais as tropas defrontar-se-ão. A começar pela extensão daquele país africano, que possui território quase 20 vezes maior que o Haiti. Na República Centro Africana, em torno de dez grupos rebeldes

lutam entre si para manter o controle sobre as ricas jazidas de diamante e outras riquezas naturais. Esses grupos já entraram em confronto com as tropas da ONU, provocando baixas de militares de vários países que compõem a missão. Junte-se a esse cenário o conflito religioso crescente naquele país e pode-se ter uma ideia do desafio a ser enfrentado por nossos soldados no futuro.

Nossas tropas deverão estar preparadas para o confronto tendo como objetivo evitar baixas em suas fileiras e fazer cumprir o mandato da ONU.

Para tal, o processo de seleção de nossos militares terá que ser rigoroso. Tanto o preparo físico, quanto o técnico e, principalmente, o psicológico são pré-requisitos fundamentais para o cumprimento da nova missão.

O apoio logístico em um país localizado no coração da África, sem litoral que

propicie o desembarque de equipamentos e veículos, terá que ser repensado, exigindo um esforço conjunto das Forças Armadas, no intuito de manter nossas tropas em condições de atuar com a mesma eficácia que na missão que se encerrou em outubro de 2017, na Ilha *Hispaniola*.

Esses desafios suscitarão soluções inteligentes, induzirão as tropas a se prepararem cada vez melhor e, por certo, serão fatores de transformação para as Forças Armadas Brasileiras.

CONCLUSÃO

A longa permanência das tropas brasileiras no Haiti amadureceu os nossos soldados. É como se, em termos militares, tivéssemos saído da adolescência e ingressado na maturidade. Pagamos um preço em vidas pela experiência adquirida. No Haiti perdemos 26 militares, dentre os quais dois grandes generais. O legado de conhecimentos que nossos militares trouxeram na bagagem, no entanto, nos faz concluir que valeu a pena o sacrifício.

Projetamos a imagem das Forças Armadas e do Brasil no exterior. Provamos que somos capazes e que sabemos

solucionar conflitos com eficácia, sem perder a capacidade de reação como tropa profissional.

O novo desafio que se descortina exigirá o aperfeiçoamento dos procedimentos operacionais. A *MINUSTAH* passou a ser um caso histórico, seus ensinamentos serão muito úteis para a próxima missão. No entanto, não podemos cair na armadilha de achar que temos a solução para os novos problemas que se apresentarão,

pois enfrentaremos um cenário desconhecido. Para novos desafios, novas soluções.

Entre legados e aprendizados, essa inédita experiência que vivemos nos últimos 13 anos nos trouxe algumas certezas: temos uma sólida formação de oficiais e praças em nossas escolas militares, adestramos

nossas tropas com excelência e os jovens que a sociedade nos entrega, anualmente, são de fato transformados em soldados. Além disso, o conjunto da obra nos possibilita afirmar que venceremos os grandes desafios que virão, da mesma forma que fizemos no Haiti.

Entre legados e aprendizados,
essa inédita experiência que
vivemos nos últimos 13 anos
nos trouxe algumas certezas:
temos uma sólida formação
de oficiais e praças em nossas
escolas militares, adestramos
nossas tropas com excelência
e os jovens que a sociedade
nos entrega, anualmente, são
de fato transformados em
soldados.

